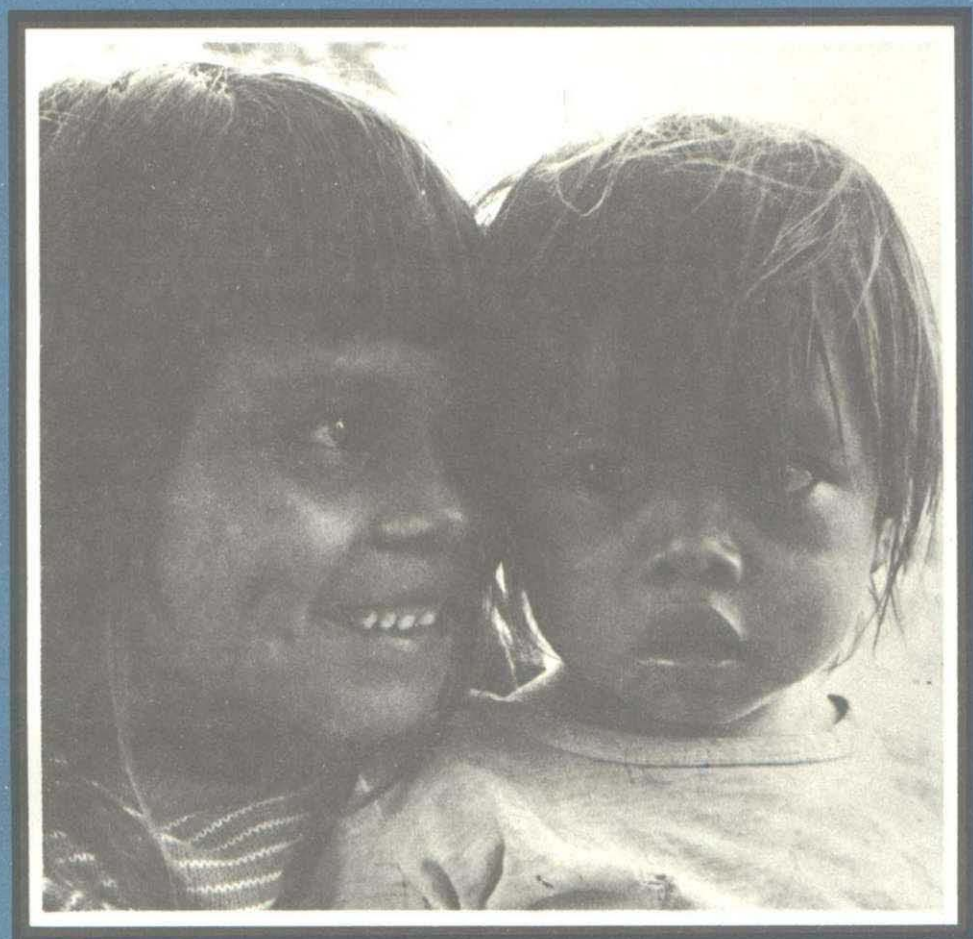


POVOS RENASCIDOS



SUBSÍDIOS DIDÁTICOS SOBRE A QUESTÃO INDÍGENA

SÉRIE B - VOL. 1

CIMI - CNBB

CAPA: Crianças Guarani (Vila Juti – MS)
Foto: Railda Herrero

POVOS RENASCIDOS

**SUBSÍDIOS DIDÁTICOS
SOBRE A QUESTÃO INDÍGENA**

SÉRIE B – VOL. 1

CIMI – CNBB

1986

★ Este livreto é acompanhado do mapa “Povos Indígenas e Presença Missionária” – Cimi/85

ÍNDICE

Introdução	5
Capítulo I – A diversidade lingüística	6
Capítulo II – Classificação cultural dos povos indígenas do Brasil	17
Capítulo III – Sou índio	22
Anexo I	26
Anexo II	28

INTRODUÇÃO

Há vários anos, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) está tentando desenvolver um trabalho sistemático junto aos professores e alunos, visando apresentar uma nova imagem dos povos indígenas, mais verdadeira e mais autêntica.

Durante muito tempo o índio foi visto como algo do passado (e de um passado escrito pelo dominador), ficando ou na galeria dos “homens ilustres” (aqueles que colaboravam com os portugueses, é claro) ou na categoria dos selvagens e antropófagos, os chamados “índios brabos”, conceito até hoje encontrado nos livros didáticos e em muitos lugares no Brasil.

De outro lado, encontramos o inofensivo índio folclórico, cujas festas e tradições foram corrompidas e profanadas pelo indigenismo oficial e também pelos missionários, que destruíram o que de mais autêntico havia sobrado — a alma destes povos.

Muitos resistiram e não se dobraram ante a invasão branca. E, para que as nações indígenas encontrem seu espaço na sociedade nacional, como povos e nações diferentes, com um passado e com culturas próprias, o Cimi está lançando vários subsídios que muito ajudarão na descoberta de nossas raízes culturais.

Neste 1º volume da Série B, damos uma apresentação dos vários grupos lingüísticos e das respectivas áreas culturais. Em volumes posteriores, outros aspectos serão enfocados, como as festas, os rituais, os mitos, a educação etc.

Gostaríamos que todos os que utilizassem este material fizessem uma apreciação do trabalho e que nos escrevessem dando sugestões. Aguardamos sua colaboração.

CAPÍTULO I

FOTO: Paulo Sues



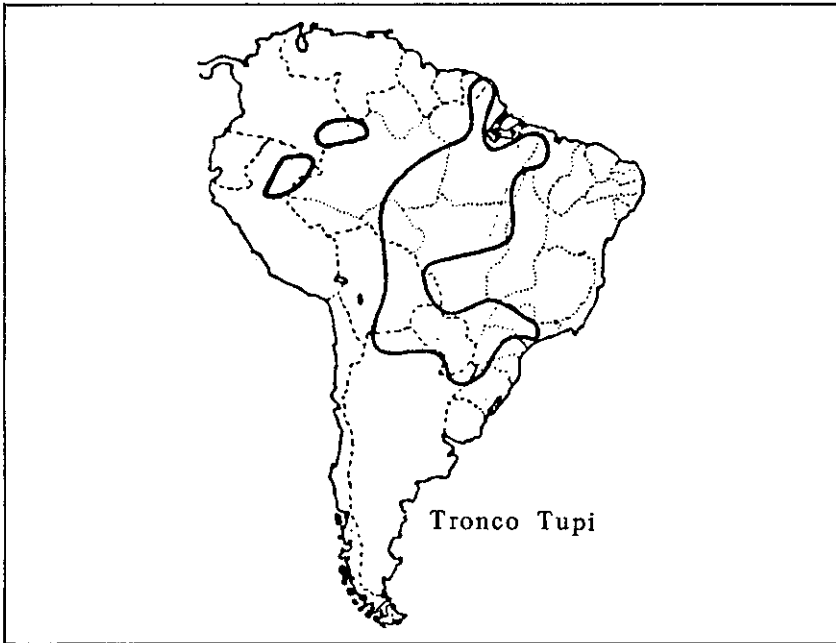
Líderes de vários povos indígenas, reunidos em Brasília

A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA

Não é raro encontrar pessoas que acreditam que todos os índios do Brasil falam língua tupi. Essa idéia se deve a uma supervalorização da língua e dos índios Tupi diante dos demais indígenas do Brasil. Mas a crença de que o tupi é a única ou mais importante língua dos índios no Brasil tem uma explicação. É que os conquistadores portugueses encontraram todo o litoral brasileiro ocupado por índios entre os quais predominava uma língua tupi. Esta foi a primeira língua nativa que os missionários aprenderam. A ela se afeiçoaram e adotaram uma atitude de desdém para com as outras línguas, que não compreendiam, chamando os povos que as falavam de povos de "língua travada".

A língua tupi foi não somente aprendida, mas também modificada pelos missionários, que lhe impuseram uma gramática nos moldes do latim, sendo divulgada por eles, de modo que populações indígenas de outras tradições lingüísticas chegaram a aprender o tupi. Assim, por exemplo, os missionários espanhóis impuseram o guarani (a variante meridional do tupi) aos índios que habitavam o Paraguai e que não o falavam, e até hoje o guarani é falado nesse

país, ao lado do espanhol. Dentro mesmo do Brasil, na região do rio Negro, afluente do Amazonas, os sertanejos falam a "língua geral", resultado da evolução do antigo tupi disciplinado pelos missionários. E os índios da região, que falam diferentes línguas não-tupi, têm sido levados a aprender a "língua geral" para poderem comunicar-se com os sertanejos e entre si. A língua geral, na área, é uma herança do tempo colonial quando era falada em toda a Amazônia. O português porém, foi substituindo-a paulatinamente, ficando ela restrita à bacia do rio Negro. Os índios Tupi contaram ainda com um grande número de cronistas que deixaram informações sobre seus costumes, o que não aconteceu com outros grupos tribais.¹



Dada a falta de informações sobre os índios não-Tupi, as grandes figuras da literatura brasileira, em seus trabalhos indigenistas, focalizaram predominantemente o índio Tupi, chegando mesmo a atribuir costumes dos Tupi a povos indígenas não-Tupi, como o faz Gonçalves Dias em seus poemas. Tudo isso levou a uma supervalorização do tupi.

A primeira classificação das línguas indígenas do Brasil foi aquela que as distribuía em línguas tupi e línguas tapuya. Tal clas-

¹ Entre os cronistas do séc. XVI podemos citar: Jean de Léry, Claude d'Abbeville, Hans Staden e José de Anchieta.

sificação se deve aos primeiros colonizadores e missionários, que adotam preconceitos dos índios Tupi contra os demais. Assim, enquanto as línguas classificadas como **tupi** se relacionavam entre si, as classificadas como **tapuya** eram as mais diversas, completamente diferentes umas das outras, e que aos missionários não interessavam conhecer. Essa classificação vigorou por muito tempo até que Von Martius, no século passado, demonstrou que as línguas tapuya não formavam um todo homogêneo. Assim, ele destacou da confusão das línguas tapuya a família **jê**. Desse modo, se foi pouco a pouco chegando à tão conhecida classificação das línguas dos índios no Brasil em **tupi, jê, karib e aruak**, sempre presente nos livros didáticos de História do Brasil. E o termo **tapuya** perdeu cada vez mais sua razão de ser. Além desses grandes conjuntos de língua, os pesquisadores conseguiram também distinguir conjuntos menores, como **pano, tukano, guaikuru, maku** e outros.

Há várias maneiras de se fazer uma classificação das línguas, mas os lingüistas atuais consideram como mais desejável a classificação do **tipo genético**, só recorrendo a outras quando não há dados suficientes para realizá-la. A classificação de **tipo genético** consiste em reunir numa só classe as línguas que tenham tido origem comum numa língua anterior. Esta língua anterior é reconstituída de tal maneira pelos lingüistas, que de seus vocábulos se possam fazer derivar, através de leis fonéticas, os vocábulos das línguas atuais que constituem a referida classe. Da mesma maneira que os filólogos, através de leis fonéticas, deduzem do latim vulgar as línguas neolatinas (português, francês, italiano, espanhol etc.), assim também os lingüistas tentam fazer com as línguas indígenas do Brasil, mostrando como se derivam de línguas já desaparecidas, que eles tentam reconstruir. Desse modo, as **línguas** que têm uma origem comum são todas reunidas numa **família**. As famílias, que apresentam certas afinidades, são agrupadas num **bloco**. Com base nesse critério, os lingüistas se esforçam para conseguir incluir as línguas ainda não classificadas numa família, as famílias isoladas num bloco, e assim por diante. Tal trabalho exige, no entanto, que o conhecimento das línguas a serem classificadas vá mais além do que uma lista de palavras, devendo haver também um conhecimento profundo da gramática dessas línguas. (**Índios do Brasil**, de Júlio Cezar Melatti).

A seguir, apresentamos a classificação lingüística dos povos indígenas no Brasil, elaborada pelo Prof. Aryon Rodrigues.

TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO	
TUPI	TUPI-GUARANI	ANAMBÉ APIAKÁ ARAWETÉ GUAJÁ		
		GUARANI	{ KAYOVÁ NHANDÉVA MBYÁ	
		KAMAYURÁ		
		KAMBEBA (= OMÁGUA)		
		KAWAHIB	{ PARINTINTIM DIAHÓI TENHARIM JUMA KAYABI	
		KOKAMA PARAKANÁ TAPIRAPÉ		
		TENETEHARA	{ GUAJAJARA TEMBÉ	
		URUEWAWAU (= URU-EU-UAU-UAU)		
		URUBU-KAAPOR		
		-----	{ ASURINI DO TOCANTINS (= Akwawa) ASURINI DO XINGU (= Awaeté) SURUI/PARÁ (= Mudjetire)	
		-----	{ OYAMPI KARIPUNA/AMAPÁ	
		ARIKÉM	KARITIANA	
		JURUNA	JURUNA	
		MONDÉ	{ CINTA-LARGA GAVIÃO/RONDÔNIA (= DIGUT) SALAMAI (= SANAMAYKÁ) SURUI/RONDÔNIA ZORÓ	
		MUNDURUKU	{ MUNDURUKU KURUAYA	
RAMARAMA	{ AWETI ARARA/RONDÔNIA ITOGAPUK			
TUPARI	{ TUPARI MAKURAP WAYORÓ (= AJURU)			
-----	AVÁ-CANOEIRO			

TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO
MACRO-JÉ	JÉ	AKEWÉN	{ XAVANTE XERENTE XAKRIABÁ (não mais falada)
		KAINGANG	{ KAINGANG XOKLENG
		KAYAPÓ	{ GOROTIRE KARARAÓ XIKRIM KREEN-AKARORE KOKRAIMORO KUBENKRANGNOTI KUBENKRANKEGN MENTUKTIRE (=Txukahamãe) TAPAYUNA (=Beijo de Pau)
		SUYÁ TAPUIA?	
		TIMBIRA	{ APINAYÉ CANELA APANIEKRÁ CANELA KAMKOKAMEKRÁ GAVIÃO/MA (=Pukobyê) GAVIÃO/PA (=Parakatejê) KRAHÓ KREYE KRIKATI
		BORA	MIRANHA
		BORORO	{ BORORO (=BOE) UMUTINA
		BOTUCUDO	{ FULNI-Ô KRENAK (não mais falada)
		KARIRI	KIRIRI (não mais falada)
		MAXAKALI	{ MAXAKALI PATAXÓ (não mais falada)
		{ KARAJÁ	{ JAVAE KARAJÁ XAMBIOÁ
		{ GUATÓ OFAYÉ RIKBAK TSA	

TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO
ARUAK	ARUAK	ARARA/AMAZONAS	
		BANIWA	
BARÉ			
KAMPA			
KURIPAKO			
MANDAWAKA			
MANITENÉRI			
MAREKENA			
MAXINÉRI			
PALIKUR			
PARESI			
PATO-TAPUIA			
SALUMÃ (= ENAWENÉ-NAWÉ)			
TARIANA (= TALIASERI)			
TERENA			
WAPIXANA			
YABAANA			
		-----	{ MEHINAKU WAURÁ YAWALAPITI
		-----	{ APURINÃ (=POPENGARE) KAXARARI
	ARAWÁ	BANAWÁ-JAFI	
		DENI	
		KANAMATI	
		KULINA (= MADIHÁ)	
		PAUMARI	
		MAMORI	
		YAMAMADI	

	TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO		
LÍNGUAS NÃO CLASSIFI- CADAS EM TRONCO	}	GUAIKURU	KADIWÉU			
		KARIB	}	APALAÍ	}	KALAPALO KUIKURO NAHUKWÁ (= NAFUKWÁ) MATIPU
				BAKAIRI (= KURA)		
				GALIBI		
				INGARIKÓ		
				MAYONGONG (= MAKIRITARE, YEKUANA)		
				TAULIPANG		
				TIRYÓ		
				WARIKYANA		
				WAYANA		

		-----	}	ARARA/PARÁ TXIKÃO		
		-----			}	HIXKARIANA KAXUYANA WAIWAI
		KATUKINA	}	KATUKINA DO JUTAÍ (= PIDÁ-DJAPÁ)		
				KANAMARI		
KATAWIXI						
TXUNHUÁ-DJAPÁ						
MAKU	}	MAKU-BARA				
		MAKU-GUARIBA				
		MAKU-HUPDA				
		MAKU-KAMÃ				
		MAKU-NADEB				
MAKU-YAHUP						
MURA		PIRAHÃ (= MURA-PIRAHÃ)				
NAMBIKWARA	}	NAMBIKWARA				
		LATUNDÉ				
		SABANÉ				

TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO
LÍNGUAS NÃO CLASSI- FICADAS EM TRONCO	PANO	AMAWAKA	
		KARIPUNA/RONDÔNIA	
		KATUKINA DO JURUÁ	
		KAXARARI	
		KAXINAWÁ	
		KULINA	
		MARUBO	
		MATIS (= MATSÉS)	
		MAYÁ	
		MAYORUNA	
		NUKUINI	
	POYANAWA		
	YAMINAWA		
YAWANAWA			
TUKANO	ARAPASO (= KONEÁ)		
	BARASANA		
	DESANA		
	JURITI (= YURITI-TAPUIA)		
	KARAPANÁ		
	KOBEWA (= PAMIWA)		
	MIRITI		
	PIRA-TAPUYA (= WAIKAHARA, WAIKANA)		
	SARIRÁ (= SURYANA)		
	TARIANA		
	TUKANO		
TUYUKA			
WANANA			
YEBAMASÁ			
TXAPAKURA	PAKAANOVA (= ORO-WARI)		
	TORÁ		
	URUPÁ		
YANOMAMI	SANUMÁ		
	NINAM (= YANAM)		
	YAINOMÁ (= YANOMÁM)		
	YANOMAMI		

LÍNGUAS ISOLADAS OU NÃO CLASSIFICADAS EM FAMÍLIAS

AIKANÁ
ARARA/ACRE
ARIKAPU
AWAKÉ
AWETI
HIMARIMÃ

----- { IRANTXE
 { MYNKY

JABUTI
KAMBA

KANOÉ
KORUBO
KUYUBI
MARAJONA
MASAKÁ
MOREREBI
NUMBIAÍ (= ORELHA DE PAU)
PAPAVO
TIKUNA
TRUMAI
WITOTO
ZURUAHÃ (= ÍNDIOS DO COXODOÁ)

GRUPOS QUE NÃO FALAM MAIS LÍNGUAS INDÍGENAS

ATIKUM
KAIMBÉ
KAMBIWÁ
KAPINAWÁ
KIRIRI
KRENAK
PANKARARÉ
PANKARARU

PATAXÓ
PATAXÓ HÃ-HÃ-HÃE
POTIGUARA
TAPEBA
TINGUI (= TINGUI-BOTÓ)
TREMembÉ
TRUKÁ
TUPINIKIM

TUXÁ
XAKRIABÁ
XOKÓ
XOKÓ-KARIRI
XUKURU
XUKURU-KARIRI
WASU



SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

Num primeiro momento, fazer com que o grupo comece a perceber a diversidade étnica nas nações indígenas e ver a deformação que a historiografia oficial provocou, criando o conceito que se tem hoje dos povos indígenas no Brasil. Por isso, sugerimos os exercícios e os debates que se seguem.

- 1 – Propor aos alunos uma pesquisa, para reconstituir o mundo cultural de vários grupos indígenas, na época da invasão portuguesa. Consultar os cronistas da época.¹
- 2 – Nos séculos XVII e XVIII, os jesuítas agruparam os Guarani em aldeias chamadas **reduções**. Apresentar, em trabalhos de grupos, os aspectos positivos e negativos desta experiência.²
- 3 – Os bandeirantes paulistas, também chamados **caçadores de índios**, foram os grandes responsáveis pelos massacres e es-

¹ Ver referência bibliográfica n.ºs 4, 7 e 16.

² Ver n.ºs 9 e 11.

cravizações em massa dos Guarani. Fazer um debate entre dois grupos, sendo uns a favor e outros contra esta prática colonial.³

- 4 — Fazer um levantamento sobre a situação atual dos Guarani, no litoral paulista e no Mato Grosso do Sul.⁴
- 5 — Localizar no mapa “Povos Indígenas” do Cimi, os vários troncos lingüísticos e fazer, como o da fig. 1, um mapa para as línguas dos tronco Macro-Jê, Aruak e das famílias Karib, Paño e Tukano.
- 6 — Fazer uma pesquisa, procurando levantar as diferenças culturais existentes entre um grupo do tronco tupi (Urubu-Kaapor) e um grupo do tronco Macro-Jê (Xavante).⁵
- 7 — Baseados nos artigos do Prof. Aryon D. Rodrigues, publicados no PORANTIM (1982, 83 e 84), levantar algumas características dos grupos não classificados em troncos lingüísticos, como os de Língua Karib, Maku, Yanomami etc.⁶
- 8 — Pesquisar algumas características culturais dos Mynky, que apresentam língua isolada.⁷
- 9 — Procure descobrir quantos grupos lingüísticos existem no Parque Nacional do Xingu, quantos povos lá vivem e por que e quando foram para lá transferidos.⁸

BIBLIOGRAFIA

- 1 — AMARANTE, Elizabeth R. *As Bem-Aventuranças do Povo Mÿky*, Vozes, Petrópolis, 1983.
- 2 — COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO-SP. *Índios no Estado de São Paulo: Resistência e Transfiguração*, Yankatu Edit., São Paulo, 1984.
- 3 — CIMI. *Mapa Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária*, Brasília, 1985.
- 4 — D’ABBEVILLE, Claude. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, Itatiaia Edit., Belo Horizonte, 1975.
- 5 — GIACCARIA, B. *Xavante, Povo Autêntico*, Editorial Dom Bosco, São Paulo, 1972.
- 6 — HERRERO, R. *Morte e Ressurreição do Povo Guarani*, PORANTIM, n.º 64, Brasília, 1984, pg. 3 e 4.

³ Ver n.ºs 9 e 17.

⁴ Ver n.ºs 3 e 15.

⁵ Ver n.ºs 5 e 14.

⁶ Ver n.º 18.

⁷ Ver n.ºs 1 e 8.

⁸ Ver n.ºs 3 e 19.

- 7 – LERY, J. **Viagem à Terra do Brasil**, Biblioteca do Exército Edit., Rio, 1961.
- 8 – LISBOA, Thomaz A. **Entre os Índios Münkü**, Loyola, São Paulo, 1979.
- 9 – LUGON. **A República Comunista-Cristã dos Guarani**, Paz e Terra, Rio, 1977.
- 10 – MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**, Hucitec, São Paulo, 1983.
- 11 – MELIÀ, B. **O Guarani Reduzido**, in "Das reduções Latino-americanas às lutas indígenas atuais", Paulinas, São Paulo, 1983.
- 12 – MELIÀ, B. **O Índio no Rio Grande do Sul**, Coorden. Pastoral Indfg. Rio Grande do Sul, 1984.
- 13 – PORANTIM. Conselho Indigenista Missionário, Brasília, anos 1979, 80, 81, 82, 83, 84 e 85.
- 14 – RIBEIRO, Darcy. **Uirá Sai à Procura de Deus**, Paz e Terra, Rio, 1974.
- 15 – SIQUEIRA, Priscila. **Genocídio dos Caiçaras**, Massao Ohno Edit., 1984.
- 16 – STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**, Itatiaia Edit., Belo Horizonte, 1974.
- 17 – DAVIDOFF, Carlos. **Bandeirantismo: Verso e Reverso**, Col. Tudo é História n.º 47, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.
- 18 – RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Indígenas do Brasil**, PORANTIM, n.ºs 40/41, 42, 43, 44, 46, 59/60, 61 64, 65 e 68.
- 19 – DAVIS, Shelton. **Vítimas do Milagre**, Zahar Editores, Rio, 1978.



FOTO: Pe. Fritz Tschol



Índia Araweté, da aldeia de Rio Ipixuna - PA

CLASSIFICAÇÃO CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Para se ordenar dentro de um sistema compreensível os inúmeros povos que viviam e ainda sobrevivem em nosso País, pode-se usar pelo menos três critérios.

Um deles seria o **tipo físico do índio**, isto é, seus caracteres raciais. Desse ponto de vista, os antigos habitantes das Américas são definidos como mongolóides. Ou seja, pertencem à mesma origem dos chineses, japoneses e outros povos orientais.

Outro critério de classificação do índio é o **lingüístico**. (Ver capítulo anterior).

O terceiro critério de classificação é o das **diferenças culturais**. Ao contrário do que pode parecer, o índio na América, em geral, e no Brasil, em particular, não tem um modo de vida uni-

forme. Mesmo os povos que pertencem à mesma família lingüística, diferenciam-se em inúmeros aspectos culturais. Por outro lado, povos que falam línguas e dialetos distintos, aproximam-se mais, em usos e costumes, por viver em região contígua. Daí a noção de área cultural, introduzida na antropologia para significar unidades geográficas de cultura, ou seja, regiões ecologicamente homogêneas, onde vivem povos que participam de certos traços sócio-culturais comuns. O conceito de área cultural coloca ênfase no papel da difusão como veículo de cultura, embora não seja único.

Devemos a Eduardo Galvão a classificação, em áreas culturais, dos povos remanescentes no Brasil do século XX. Elaborada em 1959, essa tipologia leva em conta o fator aculturação, tanto intertribal, como interétnico, isto é, com relação à sociedade nacional, como acelerador predominante no processo de mudança. Nesse sentido, a classificação de Galvão considera a dinâmica social, o tempo e o espaço presentes.

Galvão discrimina onze áreas geográficas. Dentro de algumas delas distingue subáreas, tidas como intrusões ou enclaves caracterizados por sistemas ecológico-culturais divergentes. São as seguintes.

- 1 – Norte-amazônica
- 2 – Juruá-Purus
- 3 – Guaporé
- 4 – Tapajós-Madeira
- 5 – Alto Xingu
- 6 – Tocantins-Xingu
- 7 – Pindaré-Gurupi
- 8 – Paraguai (Chaco)
- 9 – Paraná
- 10 – Tietê-Uruguaí
- 11 – Nordeste.

Finalmente, cabe mencionar a tipologia desenvolvida por Darcy Ribeiro, em 1957, pautada na situação de contato com a sociedade nacional dos povos que sobreviveram até nossos dias. Desse ponto de vista, isto é, do grau de integração na sociedade neobrasileira, Ribeiro distingue as seguintes situações.

1 – **Grupos isolados** – Compreende os grupos arredios ou hostis, cujo território não foi alcançado pelas frentes de expansão.

2 – **Grupos em contato intermitente** – Inclui os povos que vivem em regiões de baixa densidade demográfica, como a Amazônia e o Centro-Oeste. Embora já atingidos pelas frentes pioneiras,

encontram-se a salvo de incursões, devido à atuação protecionista oficial.

3 — **Grupos em contato permanente** — Nesta situação, encontram-se os que, embora conservem certos elementos da tradição ancestral, como a língua, a cultura material e outros, dependem do fornecimento de bens da civilização, aos quais se habituaram e de que não mais podem prescindir.

4 — **Grupos integrados** — Nesta categoria são reunidos os grupos que, tendo transitado pelos estágios anteriores, ou passado diretamente do primeiro a este último, perderam a língua e outras características tribais e raciais, mantendo, contudo, forte ligação e lealdade à sua identidade indígena. Dependem economicamente da sociedade em meio à qual estão ilhados, e lutam para preservar as terras que lhes restam e sua condição de índios.

Com essa tipologia, Darcy Ribeiro formula um “conceito operativo de índio”, que pode incluir esses vários contingentes. Ou seja, todos aqueles que se consideram índios não obstante a perda ou descaracterização de seus traços raciais ou culturais. Assim sendo,

“Índio é todo indivíduo reconhecido como membro de uma comunidade de origem pré-colombiana, que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerado indígena pela população brasileira com que está em contato.”

(Berta Ribeiro — O Índio na História do Brasil)

O Conselho Indigenista Missionário, em 1982, baseado na divisão de Eduardo Galvão, apresentou no jornal PORANTIM uma nova proposta de áreas culturais, que daremos a seguir, ilustrada pelo mapa da fig. 2.

- 1 — **Norte-amazônica**
Guiana brasileira
Yanomami
Rio Negro
- 2 — **Solimões-Juruá-Purus**
- 3 — **Guaporé**
- 4 — **Tapajós-Madeira**
- 5 — **Alto Xingu**
- 6 — **Tocantins-Xingu**
- 7 — **Pindaré-Gurupi**
- 8 — **Leste-Nordeste**
- 9 — **Paraguai-Paraná**
- 10 — **Tietê-Uruguai**

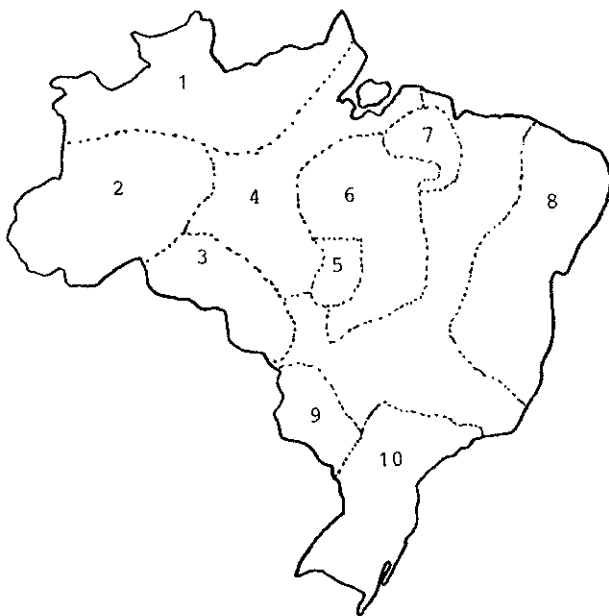


Fig. 2 – Áreas culturais dos povos indígenas no Brasil.

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

No capítulo anterior, procuramos mostrar a diversidade lingüística, que traz elementos culturais muito marcantes. Neste capítulo os alunos deverão trabalhar dois conceitos: o de **região cultural** e o de **grau de contato com a civilização ocidental**. Ao invés de dar uma descrição de cada área, propomos que o aluno mesmo faça um levantamento das características culturais de cada região, para que descubra este universo, tão rico e tão pouco conhecido, das nações indígenas.

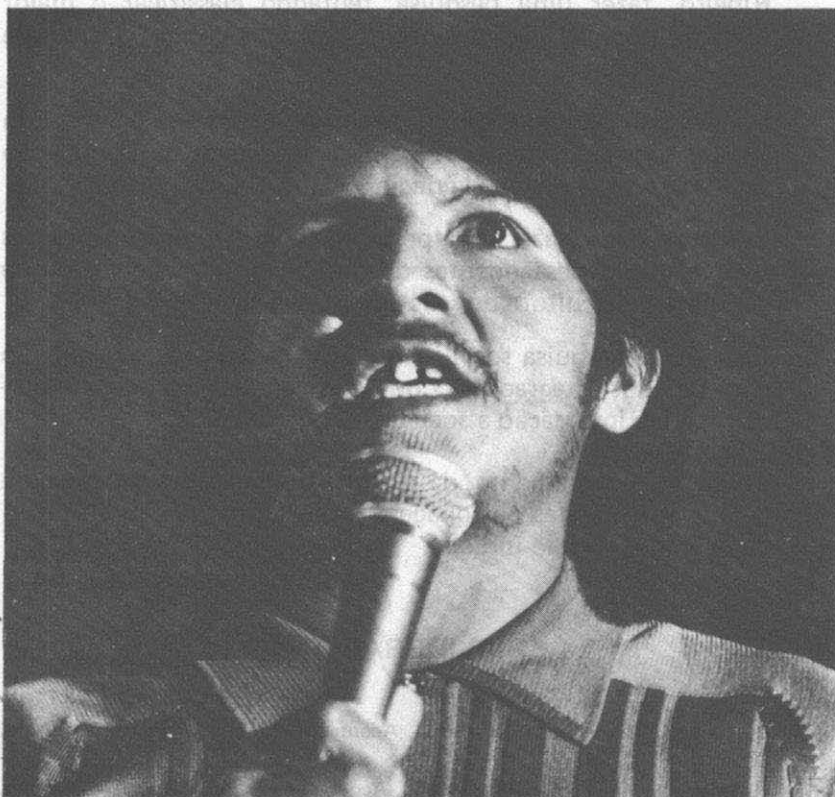
- 1 – Dividir a classe em grupos, pedindo que cada equipe apresente os seguintes dados de cada região cultural: grupos indígenas, línguas faladas, com suas respectivas famílias e troncos, população e tradições culturais e religiosas.
- 2 – Baseado nas denúncias publicadas na imprensa e nos jornais especializados (PORANTIM), levantar os principais problemas destas regiões culturais.

- 3 – De acordo com as características apresentadas por Darcy Ribeiro, fazer uma pesquisa, tentando classificar o maior número possível de grupos indígenas, segundo o grau de contato (isolados, integrados etc.).
- 4 – Dividir a classe em dois grupos (prós e contras e fazer um debate sobre este tema: “os grupos indígenas devem ou não ser integrados à sociedade nacional?”
- 5 – Em sua cidade, fazer uma pesquisa para descobrir as pessoas que se dizem descendentes de nações indígenas e ver o que guardaram da cultura de seus antepassados.
- 6 – Fazer uma pesquisa sobre a situação atual dos grupos que são considerados integrados. O que eles ganham e o que eles perdem com a integração à sociedade nacional?
- 7 – Fazer um levantamento, da História do passado e do Brasil de hoje, e ver quantas personagens importantes se dizem índios ou descendentes de índios.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – CEDI. **Povos Indígenas no Brasil/83**, Aconteceu especial 14 Cedi, São Paulo, 1984.
- 2 – CEDI. **Povos Indígenas no Brasil/1984**, Aconteceu especial 15 Cedi, São Paulo, 1985.
- 3 – CEDI. **Povos Indígenas no Brasil**, vol. 3 (Amapá e Norte do Pará) Cedi, São Paulo, 1983.
- 4 – CEDI. **Povos Indígenas no Brasil**, vol. 5 (Javari), Cedi, São Paulo, 1981.
- 5 – MELATTI, J. C. (ver referência anterior)
- 6 – CIMI. Mapa Povos Indígenas (ver referência anterior).
- 7 – RIBEIRO, Berta. **O Índio na História do Brasil**, Global Editora, São Paulo, 1983.
- 8 – RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização**, Civilização Brasileira, Rio, 1970.
- 9 – SIQUEIRA, Priscila (ver referência anterior)
- 10 – COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO-SP – (ver referência anterior)
- 11 – PORANTIM (ver referência anterior)
- 12 – SCHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1976.
- 13 – LISBOA, Thomaz A. **Os Enauenê-Nauê, Primeiros Contatos**, Loyola, São Paulo, 1985.
- 14 – LISBOA, Thomaz A. **Entre os Índios Münkü** (ver ref. anterior)
- 15 – GIACCARIA, B. **Xavante, Povo Autêntico**, Editorial Dom Bosco, São Paulo, 1972.

FOTO: Keiju Kobayashi



Daniel Cabixi discursando no Ato' contra a emancipação de terras indígenas.

SOU ÍNDIO

Vi muitas pessoas postarem diante de mim, um índio, e, ficar horas a olhar-me. Além de me lançarem uma série de perguntas, entre elas, se não existe mais índio "brabo".

Penso comigo: o que estarão eles pensando? Esforço-me para penetrar em seus pensamentos. Afinal, um descendente de índios selvagens, descendentes de seres mitológicos, índios, está postado diante deles, de calças, camisa e sapatos. Neste momento, a imaginação desse povo simples voa pelo mundo da fantasia.

Como será que vivem? O que comem? Será descendente de comedores de gente? Terá ele provado alguma carne humana? Tem ele algum sentimento humano de amor e compaixão?

Enfim, percebo que as interpretações e comparações que nos fazem não passam da categoria de animais exóticos que habitam a selva. Tenho vontade de fazê-los compreender meu mundo, assim como cheguei a compreender o mundo deles.

Gostaria de dizer-lhes que faço parte de uma sociedade que possui normas de vivência harmônica entre os homens e a natureza. Gostaria de dizer-lhes que possuímos nossos valores sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos, que adquirimos através dos tempos, de geração em geração.

Gostaria de dizer-lhes que formamos um mundo equilibrado e justo de relações humanas. Dizer que como humanos, somos sujeitos a falhas e erros. Dizer que nossos sentimentos mais íntimos são exteriorizados através da arte, da língua, da nossa religião, das festas acompanhadas de ritos e cerimônias.

Dizer que conseguimos nossa experiência diante da vida e do Universo. Dizer que conseguimos chegar num equilibrado mundo preñado de valores que transmitimos a nossos filhos, o que, em outras palavras mais compreensíveis, é sinônimo de educação.

Gostaria de dizer-lhes também que tudo isso vem sendo deturpado, desrespeitado e destruído. Dizer que estamos despertando para uma nova realidade. Estamos percebendo que todas as tentativas estão sendo feitas para acabar com nossos princípios já constituídos.

Dizer que um dos nossos objetivos fundamentais é levar às nossas comunidades o conhecimento dessa realidade nova que nos rodeia. Do interesse em perpetuar nossos valores morais e culturais.

Dizer que estamos prontos para receber o que de útil a sociedade deles nos oferece e rechaçar o que de ruim ela nos apresenta. Mas a cegueira etnocêntrica não permite esse diálogo franco e sincero.

Daniel Matenho Cabixi — Índio Paresi



SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

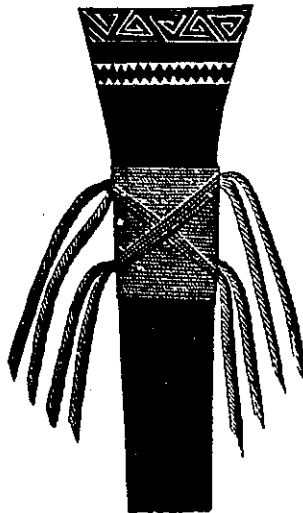
Após o estudo de vários grupos e culturas indígenas, achamos importante deixar o índio falar e dizer como ele se sente como índio, como vê seu mundo e o mundo dos brancos. O autor do

texto, Daniel Matenho Cabixi, índio da nação Paresi, já participou de muitos Encontros Indígenas nacionais e internacionais e tem um livro publicado – **A Questão Indígena**, que a todos recomendamos.

- 1 – Debater sobre a seguinte questão: o que você pensou quando, pela primeira vez, viu um índio? O que temos de comum com ele e o que temos de diferente?
- 2 – Propor aos alunos que façam uma pesquisa na cidade, perguntando o que cada um pensa sobre o índio. Fazer um debate depois.
- 3 – De improviso, pedir aos alunos para desenharem um índio ou uma cena de aldeia, de caça ou de pesca. Debater, em seguida, sobre os desenhos feitos e tentar ver as idéias que foram expressas nos mesmos.
- 4 – Fazer uma redação sobre uma festa indígena, procurando cada aluno focar as tradições de uma nação diferente (Guarani, Xavante, Terena, Karajá, Kayapó, Kulina, Tapirapé, Fulni-ô, Pankararu etc.).
- 5 – Pedir que os alunos prestem atenção nos filmes da televisão, onde aparece o índio. Fazer uma análise crítica, abordando a caracterização física, o relacionamento humano, os sentimentos, a visão política do diretor e a mensagem de cada filme (quando há mensagem). Verificar as diferenças existentes entre uma reportagem atual sobre a questão indígena e os filmes americanos de “far-west”.
- 6 – Debater sobre o papel do índio na política brasileira: o que os alunos pensam do Deputado Xavante Mário Juruna? Foi positiva ou negativa sua presença no Congresso Nacional? Você votaria, se pudesse, num deputado índio?
- 7 – Você conhece alguma organização indígena a nível local, regional, nacional ou internacional? Pesquise no PORANTIM as organizações já existentes no Brasil e nas Américas.
- 8 – O que você já fez ou pensa fazer para defender os povos indígenas? Escreva para o jornal PORANTIM, dizendo as iniciativas realizadas por você ou por seu grupo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – CABIXI, Daniel. **A Questão Indígena**, CDTI, Cuiabá, 1984.
- 2 – FARIA, Ana Lúcia G. **Ideologia no Livro Didático**, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo n.º 7, Cortez Editora, São Paulo, 1984.
- 3 – HOHLFELDT, Antônio e Outros. **O Gravador do Juruna**, Série Depoimentos n.º 2, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1982.
- 4 – LUYTEN, Sônia B. **Histórias em Quadrinhos**, Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- 5 – MARTINS, Edilson. **Nossos Índios, Nossos Mortos**, Editora Codecri, Rio, 1978.
- 6 – NOSELLA, M.C.D. **As Belas Mentiras**, Cortez & Moraes, São Paulo, 1979.
- 7 – PORANTIM. **O Retrato Caótico do Índio no Brasil**, n.º 54, pág. 16, 1983.
- 8 – ————. **Coitado do Índio no Livro Didático!**, n.º 55, pág. 16, 1983.
- 9 – ————. **Ugh! A Imagem do Índio no Gibi**, n.º 56, pág. 8, 9 e 16, 1983.
- 10 – RIBEIRO, Berta. **Diário do Xingu**, Paz e Terra, Rio, 1979.
- 11 – RIBEIRO, Darcy. **Maíra**, Civilização Brasileira, Rio, 1976.



ANEXO I

Irmãos sensatos, escutai com fé o que vou dizer e sabeis como somos felizes por não conhecer a angústia e o pavor dos brancos. Podeis todos testemunhar o que o missionário diz: Deus é amor; um cristão de verdade faz bem se tiver sempre diante de si a imagem do amor; só assim é que vale para o grande Deus a adoração do branco. Ele nos enganou, nos mentiu, os brancos corromperam os missionários para que eles nos enganassem com as palavras do Grande Espírito. Pois o metal redondo e o papel pesado, que eles chamam dinheiro, é que são a verdadeira divindade dos brancos.

Fale a um europeu do Deus do amor: ele torce o rosto, sorri. Sorri da simplicidade com que pensa. Estenda-lhe, no entanto, um pedaço redondo, brilhante, de metal, ou um papel grande, pesado: sem tardar, seus olhos brilham, muita saliva lhe vem aos lábios. O dinheiro é o objeto do seu amor, é a sua divindade. Todos os brancos pensam nele, até dormindo. Muitos há cujas mãos de tanto querer agarrar o metal e o papel ficaram tortas e parecidas com as pernas da grande formiga do bosque. Há muitos cujos olhos cegaram de tanto contar dinheiro. Muitos que renunciaram à alegria pelo dinheiro; ao riso, à honra, à consciência, à felicidade, até à mulher e aos filhos. E quase todos renunciam à saúde pelo dinheiro, pelo metal redondo e pelo papel pesado. Carregam-no em suas tangas, dentro de peles duras dobradas. À noite colocam-no debaixo do rolo onde pousam a cabeça para que ninguém o tire. Pensam todos os dias, todas as horas, em todos os momentos no dinheiro. Todos, todos! Até as crianças têm de pensar nele, devem nele pensar! É o que aprendem com a mãe, é o que vêem o pai fazer.

É necessário dizer que não é possível, na terra dos brancos, ficar sem dinheiro, em momento algum, desde que o sol se levanta até que se deita. Se estás inteiramente sem dinheiro, não acalmas a fome nem a sede, não encontras esteira para dormir. Te mandarão para o **falé pui pui***, falarão de ti nos muitos **papéis****, se não tiveres dinheiro. Tens de pagar, quer dizer, tens de dar dinheiro pelo chão em que andas, pelo lugar em que ergues tua cabana, pela esteira em que passas a noite, pela luz que aclara tua cabana. Tens de pagar se quiseres atirar num pombo, se quiseres banhar teu corpo no rio. Se quiseres ir aos lugares em que as pessoas se ale-

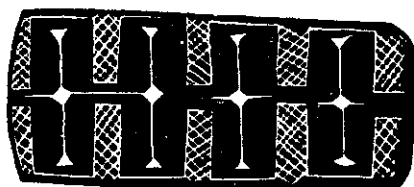
* Prisão

** Jornais

gram, em que cantam ou dançam, se quiseres pedir conselho ao teu irmão, tens de dar muito metal redondo, muito papel pesado. Tens de pagar por tudo. Onde quer que vás há de ver teu irmão com a mão estendida, pronto a desprezar-te, a enfurecer-se contigo se nela nada puseres. Nem servirá de nada a humildade do teu sorriso, a simpatia do teu olhar para abrandar-lhe o coração. Ele abrirá a goela e berrará: “Miserável! Vagabundo! Ladrão!” Tudo isso quer dizer a mesma coisa: a maior vergonha que se pode infligir a um homem. Até para nascer tens de pagar; e quando morres, a tua aiga*** tem de pagar por ti, por teres morrido e também para o teu corpo baixar à terra; e pela pedra que rola sobre a sepultura em tua memória.

Só vi uma coisa pela qual, na Europa, ainda não se exige dinheiro, da qual todos podem participar quanto queiram: a respiração do ar. Mas acho que apenas se esqueceram disso; e não hesito em declarar que, se ouvissem o que digo na Europa, imediatamente também exigiriam pelo ar que se respira o metal redondo e o papel pesado. Pois todos os europeus estão sempre à procura de novos motivos para exigir dinheiro.

(O Papalagi, comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul — Ed. Marco Zero, Rio).



***Família

ANEXO II

DIÁRIO DO XINGU

— Numa aldeia Kayabi —

Domingo, 21/8/77

Hoje é domingo. Normalmente iria à praia, se fizesse sol. Os índios não têm dia certo para descansar, nem hora certa para comer. Descansam quando estão cansados, comem quando estão com fome. À noite gostam de ficar conversando, cada casal na sua rede e não como os xinguanos com a rede da mulher abaixo da do marido para avivar o fogo. Assim que começa a anoitecer, vão juntando lenha perto das redes, enquanto as velhas cozinham, as jovens ajudam ou embalam os nenês, os homens conversam e as crianças brincam.

No dia em que cheguei, à tardinha, dei uma volta para encontrar um esconderijo que servisse de banheiro. Os meninos logo desconfiaram e foram atrás de mim. Fiquei indignada e disse: “onde é que vocês pensam que vão?” “Vamos mostrar a você onde é que é”, responderam rindo, sem malícia.

Maria me convidava sempre para ir ao banho. Então a meni-nada toda nos acompanhava. Mas, à tarde, Uaratu, Mairán e Txiravé¹ esperavam a gente voltar para irem banhar-se e assim deixar-me mais à vontade.

Hoje é o segundo dia em que vou à roça com Di-katu para colher algodão. Ela apontou as nuvens e, embora falando em kayabi, entendi que o período da seca estava chegando ao fim e ela tinha que colher todo o algodão que havia plantado, do contrário, caso chovesse, o perderia. O algodão é arbóreo e dá flocos muito grandes, alguns com quatro caroços. O trabalho mais exaustivo, que é cortar os galhos e as trepadeiras de feijão com um machete, foi feita por ela. A mim e a Maria coube recolher os flocos em grandes urupem² não pintados.

À tarde, as mulheres não socaram as bolas de mandioca, todas se recolheram às suas redes para descansar. Menos Di-katu que é

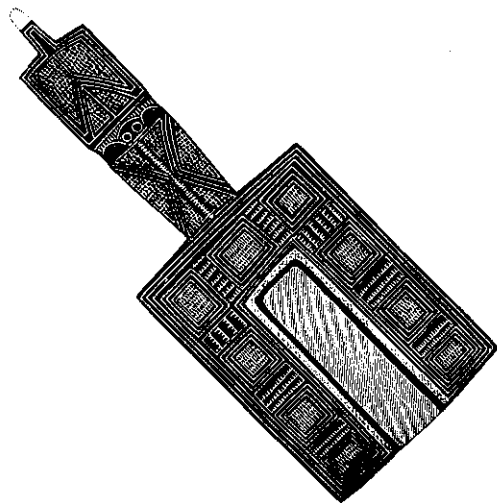
¹ Jovens Kayabi da aldeia.

² Peneira em forma de meia calota, usada para coar ou guardar coisas.

uma formiguinha e trabalha o tempo todo. Ora faz um boneco de linha para a neta, Tuap, ou um anel de tucum. Agora está tecendo a rede. É de algodão grosso e feita sem tear, ao que parece. Enro-lam os fios do comprimento que deverá ter a rede depois de pronta, passando-os por duas cordas que servirão para pendurá-la. Mais da metade da rede já está pronta. Di-katu, sentada na parte tecida vai passando a trama entre os fios da urdidura para entretecer o restante. Usa algodão branco e cor de caramelo, para realçar os desenhos. Mairopãñ acaba de completar o quadrado central do meu cesto. O desenho está perfeitamente visível, mesmo sem avivá-lo com a tinta, devido à disposição das talas. As da parte interna, que não reterá a tinta, são lisas e brilhantes. As da face interna, rugosa e esverdeada, fazem o contraste que permite ao cesteiro saber a quantas anda. Amanhã Mairopãñ começará a trançar os quatro “panos” com “casa de abelha”, ou como eles dizem, **panaku-kupé** — o padrão de trançado que aparece nas costas do **panaku**, o jama-xim usado antigamente para carregar a rede.

Numa lenda que Txiravé me contou, o personagem principal é um papagaio que dá de comer mandioca com veneno à dona das onças. Mata-a e besunta de sangue as penas das asas para provar a façanha. Tixiravé tem um papagaio velho que fala kayabi e que, segundo seu dono, anda muito doente, com dor de cabeça. Ao menos se queixa o tempo todo de dor de cabeça, disse-me tristonho, um dia, Txiravé.

(Extraído do livro **Diário do Xingu**, de Berta Ribeiro.
Trechos das páginas 149 a 154.)





LIVROS RECOMENDADOS

A Questão Indígena, Daniel Cabixi, índio Paresi – CDTI.

As Bem-Aventuranças do Povo M'ky, Elizabeth R. Amarante – Cimi/Vozes.

Confederação dos Tamoios, Eunice de Paula e Outros – Cimi/Vozes.

Entre os Índios Münkü, Thomaz A. Lisboa – Loyola.

História dos Povos Indígenas, Eunice de Paula e Outros – Cimi/Vozes.

Manual Popular de Saúde, M. Versiani e R. Nascimento, Loyola, 1985.

Maxakali na Luta pela Vida, Cimi-Leste e outros.

Os Enauenê-Nauê, Thomaz Lisboa, Loyola, 1984.

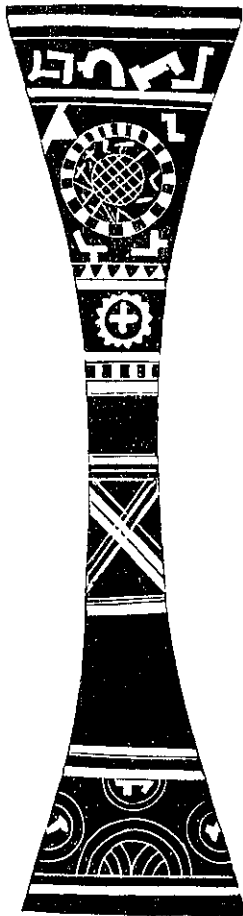
O Índio no Rio Grande do Sul, Bartomeu Meliã.

Precisamos um Chão, Elizabeth R. Amarante e V. Nizzoli – Loyola.

Pedidos por Reembolso Postal

Conselho Indigenista Missionário
Caixa Postal 11-1159
70.084 – BRASÍLIA – DF – Tel. (061) 225-9457

Atenção: Pedido com mais de 5 exemplares terá desconto de 10%.



ORAÇÃO DOS INCAS EM BUSCA DE DEUS

Ouçame,
do mar de cima onde permaneces,
do mar de baixo onde estás.
Criador do mundo,
alfareiro do homem,
Senhor dos Senhores,
a ti,
com meus olhos que se desesperam por ver-te,
pois ao ver-te,
ao conhecer-te,
ao considerar-te,
ao compreender-te,
tu me verás e me conhecerás.
O sol, a lua,
o dia, a noite,
o verão, o inverno,
não em vão caminham,
ordenados,
ao lugar designado
e a bom termo chegam.
Por todas as partesavas contigo
teu cetro de rei.
Ouçame, escuta-me,
Para que eu não me canse
e morra.

"El culto de Tonape"